

**FEMINISMO E A AGROECOLOGIA: UMA REVISÃO
SISTEMÁTICA DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA NAS BASES
INTERNACIONAIS**

**FEMINISM AND AGROECOLOGY: A SYSTEMATIC REVIEW OF
SCIENTIFIC PRODUCTION FROM INTERNATIONAL
DATABASES**

**FEMINISMO Y AGROEOLOGÍA: UMA REVISIÓN SISTEMÁTICA
DE LA PRODUCCIÓN CIENTÍFICA EM BASES
INTERNACIONALES**

Nélida Reis Caseca Machado

nelidacaseca@gmail.com

Janine Ameku Neves

janine.neves@sou.unifal-mg.edu.br

Isabela Cristina da Silva Leite

isabelaleitecs@gmail.com

Adriana Maria Imperador

adrianaimperador@yahoo.com.br

Luciana Botezelli

luciana.botezelli@gmail.com

RESUMO

Neste trabalho a interface entre o Feminismo e a Agroecologia foi investigada por meio da produção científica registrada em duas bases internacionais, *Web of Science* e *Scopus*. No intuito de mapear como esta interlocução se apresenta foi feito um levantamento dos trabalhos através de strings de busca e leitura dos achados na íntegra para uma revisão sistemática. A análise foi agrupada, em ordem cronológica, nas correlações explícita e implícita, a partir da utilização dos termos "Feminismo" e "Agroecologia" e as questões que tocavam ambos os campos foram observadas. Verificou-se que a produção científica ainda é tímida, que a América Latina é um campo fértil de experiências e, ao mesmo tempo, objeto de estudo internacional. Conclui-se que a temática é uma perspectiva e precisa ser trabalhada na produção científica internacional, pois tem potencial para amadurecer ambos os campos e alcançar alguns dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS).

Palavras-chave: Autonomia; Diversidade; Igualdade; Resistência; Soberania.

ABSTRACT

This work investigates the interface between Feminism and Agroecology carrying out a review of scientific production registered in two main international databases – Web of Science and Scopus. In order to map how this interchange happens a pursuit of related paperwork was made through search strings and the findings submitted to a full reading for a systematic review. The analysis was grouped in chronological order, considering explicit and implicit correlation, terms as “Feminism” and “Agroecology” were used in the search and issues that touched both fields were observed. It was found that the scientific production is still timid and also that Latin America is a fertile field of experiences as well as an object of international study. It is concluded that the thematic is a perspective and needs to be improved in the international scientific production, once it has potential to mature both fields besides making reachable some objectives from Sustainable Development Goals (SDGs).

Keywords: Autonomy; Diversity; Equality; Resistance; Sovereignty.

RESUMEN

En este trabajo la interfaz entre Feminismo y Agroecología fue investigada por el medio de la producción científica registrada en dos bases de datos internacionales, *Web of Science* y *Scopus*. Con el fin de mapear como se ha presentado esta interlocución, se realizó un relevamiento de los artículos através de *strings* de búsqueda y lectura de los hallazgos en su totalidad para una revisión sistemática. El análisis fue agrupado en orden cronológico, en correlaciones explícitas e implícitas, utilizando los términos "Feminismo" y "Agroecología" y se observaron los asuntos que tocaban ambos campos. Fue verificado que la producción científica aún es tímida, que América Latina es un campo fértil de experiencia y, al mismo tiempo, un objeto de estudio internacional. Se concluye que el tema es una perspectiva y necesita ser trabajada en la producción científica internacional por tener el potencial de madurar en ambos campos y lograr algunos de los Objetivos de Desarrollo Sostenible (ODS).

Palavras chave: Autonomía; Diversidad; Igualdad; Resistencia; Soberanía.

INTRODUÇÃO

Tradicionalmente, a mulher ocupa o lugar das tarefas domésticas relacionadas à reprodução, alimentação e cuidados do lar. A ela foi relegada a responsabilidade pela reprodução física e pelas tarefas domésticas, que constituem o trabalho privado e não remunerado que, por não serem intermediadas pelo dinheiro, é um trabalho invisível e, ao mesmo tempo, desvalorizado socialmente (MULLER et al., 2021).

Nas estatísticas oficiais, as mulheres agricultoras são maioria entre os membros não remunerados da família e a riqueza não monetária, produzida pelo trabalho realizado pelas mulheres, é desconsiderada na economia (NETO, 2018; VARANDA, 2019; MULLER et al., 2021), ainda que representem 43% da força de trabalho agrícola (FAO, 2019).

O desenvolvimento rural historicamente tem sido baseado na concentração da propriedade e da renda, na dependência econômica de multinacionais e na geração de externalidades negativas ao meio ambiente. Adicionalmente, é também socialmente excludente, visto que 81% da responsabilidade pela direção dos estabelecimentos rurais é administrada pelos homens (IBGE, 2017).

Neste contexto se identifica a importância dos estudos feministas para as mulheres envolvidas no sistema agrícola, pois as “relações entre homens e mulheres no âmbito familiar e a forma como a família é constituída e reproduzida são tão importantes quanto as relações de classe” (CONSTRUINDO, 2005), inclusive a questão foi reconhecida pelo pesquisador Miguel Altieri, um dos maiores expoentes da agroecologia (CONSTRUINDO, 2005). Se inicia, então, discussões acerca da igualdade de gênero como uma estratégia de promoção da agroecologia.

Da mesma forma, a agroecologia se torna uma questão no movimento feminista através da aliança internacional entre a Marcha Mundial das Mulheres e a Via Campesina, fazendo com que a Marcha Mundial das Mulheres, além de lutar contra a violência e patriarcado, contra a exclusão das mulheres dos espaços de decisão e dos espaços políticos, contra a divisão sexual do trabalho, inclua na luta a agroecologia pela soberania e a segurança alimentar¹ (VILAS BOAS, 2017; MULLER et al., 2021).

Inclusive, há de se ressaltar que o protagonismo das feministas organizadas nos movimentos campestinos brasileiros inseridos na Via Campesina através do Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST), Movimento de Mulheres Camponesas (MMC) e Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA) é fator importante na aliança entre as mulheres e os movimentos campestinos, bem como permitiu a construção de uma abordagem feminista popular e agroecológica (VILAS BOAS, 2017; MULLER et al., 2021).

Apesar dessa interlocução entre o feminismo e o movimento agroecológico, essa relação ainda pode ser questionada em virtude de a agroecologia ter suas bases nas culturas indígenas e no campesinato, de funcionamento patriarcal e capitalista (VILAS BOAS,

¹ A segurança alimentar é uma política pública que parte do princípio de que todas as pessoas têm o direito à alimentação e o Estado tem o dever de promover os recursos necessários para executar esta política o que pode ser feito através da distribuição de alimentos através de cestas básicas, tíquetes, instalação de refeitórios populares subsidiados e outros (CALDART, et al., 2012). Soberania alimentar, por sua vez, se relaciona ao conjunto de políticas públicas e sociais mais amplas a fim de garantir que os alimentos necessários para a sobrevivência de cada população sejam produzidos, e a população, com apoio e condições, pode produzir os próprios alimentos (CALDART, et al., 2012).

2017). No entanto, é importante chamar a atenção para o fato de que esta estrutura de funcionamento patriarcal do movimento agroecológico, de origem indígena e camponês, resultou das relações interculturais entre os povos originários e a cultura dos colonizadores com comportamentos de consolidação do sistema capitalista, que dependia da subjugação tanto das mulheres quanto da escravidão dos negros e indígenas e da exploração das colônias (FEDERICI, 2017).

O diálogo entre o feminismo e o movimento agroecológico está em andamento. Já em 2014, na Carta das Mulheres², no Encontro Nacional de Agroecologia (ENA), se anunciou que “Sem Feminismo não há Agroecologia”, fazendo menção à questão e denunciando a violência sexual e o assassinato de mulheres do campo para desestruturar as comunidades e abrir caminho para as ofensivas capitalistas e, esta manifestação reafirmou a importância do feminismo na vida das mulheres (VILAS BOAS, 2017).

Visando identificar em que premissas o feminismo e a agroecologia se encontram e como alteram o mundo das mulheres rurais, é que foi construído este trabalho. Está organizado, além desta introdução, em mais quatro seções. A primeira dispõe sobre a Fundamentação teórica do estudo: Feminismo e Agroecologia, seguida da Metodologia utilizada na seleção dos trabalhos na segunda seção. Na terceira têm-se os Resultados e as Discussões, demonstrando como os trabalhos foram analisados e, após a leitura na íntegra, os achados foram classificados em interlocução explícita e implícita, a depender dos elos entre o feminismo e a agroecologia nas publicações. Por fim, na quarta seção, estão as Considerações finais, em que se retoma a importância do estudo e sugere-se outras pesquisas.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: FEMINISMO E AGROECOLOGIA

O feminismo é apresentado, didaticamente, em ondas. A primeira, com origem na Inglaterra, em meados do século XIX, tinha como fundamento inicial a luta por direitos e o questionamento dos papéis submissos das mulheres. O primeiro direito buscado foi o de sufrágio (VILAS BOAS, 2017), visando a participação política e na vida pública, exclusiva aos homens.

² Disponível em: <<https://enagroecologia.org.br/wp-content/uploads/2014/05/Carta-Pol%C3%ADtica-do-III-ENA.pdf>> Acesso em 10 Out. 2021.

A segunda onda, por volta do final dos anos 1960 (SIQUEIRA, 2015), pauta-se na afirmação política das diferenças, em prol da diversidade e verifica-se a diversidade dentro do grupo de mulheres. O feminismo passa a ser um movimento que luta por uma nova forma de relacionamento entre homens e mulheres, em que as mulheres pudessem ter mais liberdade e autonomia em seus corpos e vida (VILAS BOAS, 2017). Esse segundo momento na luta caracteriza-se por direitos reprodutivos e discussões acerca da sexualidade. Reconhece-se, ainda, outras formas de dominação, além da dominação de classe, a do homem sobre a mulher (SILIPRANDI, 2015; VILAS BOAS, 2017).

A terceira onda no final dos anos 1980 tem início com o movimento *punk* em torno da negação dos corporativismos e adoção do faça você mesmo, mas dele se distancia e foi introduzido o conceito de interseccionalidade como ferramenta para mulheres atingidas por vários tipos diferentes de opressão (raça, classe, sexualidade). Reconhece-se que o próprio movimento feminista foi, inicialmente, excludente (SIQUEIRA, 2015).

Uma quarta onda, aproximadamente por volta dos anos 2000, ainda em delimitação, tem-se os desafios da horizontalização dos movimentos feministas e também construção de diálogo intercultural e inter movimentos, com esforços intencionais para estender o feminismo a outros movimentos sociais (VILAS BOAS, 2017).

Os feminismos nos ajudam a entender, alterar e criar alternativas pela liberdade e para a compreensão do significado de ser mulher (FRANÇA, 2019), sendo importante salientar que embora o movimento feminista tenha evoluído, as sociedades guardam resquícios de comportamentos que deram origem a todas as lutas. Ou seja, o movimento evolui diante de outras necessidades, mas sem conseguir extirpar os comportamentos anteriores (SIQUEIRA, 2015).

Importante ainda, em virtude dos pontos de contato fazer menção ao ecofeminismo, movimento que surge na terceira onda do feminismo e associa a proteção ambiental com a autonomia e liberdade das mulheres. Essa vertente, com origem nas comunidades europeias e americanas, se deu ao longo das décadas de 1970 e 1980 e se espalhou pelo mundo. Consiste na leitura a partir do movimento de mulheres para uma filosofia e uma prática ambiental, conjugando o domínio das mulheres com os abusos na natureza (FRANÇA, 2019).

Tal como o movimento feminista o ecofeminista foi se transformando e, atualmente, é um termo abrangente que abarca várias perspectivas filosóficas diferentes

sobre interconexões entre mulheres de diversas raças/etnias, *status* socioeconômicos e localizações geográficas, de um lado, e animais e natureza não humanos, por outro (FRANÇA, 2019).

Nesta perspectiva, o movimento feminista e o ambiental se inter cruzam, seja na maneira como a destruição do meio ambiente impacta as mulheres seja na relação das mulheres em prol do meio ambiente, pois são vistos como um sistema indissociável (FRANÇA, 2019). Há quatro pontos em comum nas orientações ecofeministas: a identificação entre a subordinação das mulheres e da natureza; as relações entre diferentes tipos de opressão, como cor da pele, poder financeiro e sexo; o desaguar da teoria e da prática dos feminismos na perspectiva ecológica e, por fim, o encontro da ecologia na valorização da atividade das mulheres como trato adequado à natureza (FRANÇA, 2019).

A agroecologia, por sua vez, surgiu no final da década de 1980 como movimento de resistência à homogeneização tecnológica em um rompimento com o modelo hegemônico de desenvolvimento rural baseado no monocultivo, no latifúndio e à imposição dos interesses privados e corporativos do agronegócio que geram exclusão social e degradação ambiental (ALTIERI e TOLEDO, 2011).

Como um conjunto de técnicas, práticas e conhecimentos tem se mostrado uma alternativa eficiente no combate de pragas e na melhoria da qualidade do solo (ALTIERI, 2012). Pesquisas mostram o potencial de aumentar e preservar a fertilidade por meio da presença dos microrganismos do solo, promovendo melhoria da produtividade das culturas (IPES-Food, 2016).

Em outras palavras, a diversificação das espécies e adoção dos manejos agroecológicos contribuem com a resiliência do sistema agrícola frente aos impactos das mudanças climáticas. Também fomenta a conservação da biodiversidade e a reversão da degradação do solo (IFAD, 2019) sendo, portanto, muito utilizada para melhorar a agricultura tradicional ou indígena nos países em desenvolvimento (WEZEL et al., 2009).

Altieri e Nicholls (2020) apontam a agroecologia como uma solução para as crises, pois, como se disse, o modelo da agricultura industrial é responsável pela dominação dos mercados, pelas migrações campesinas devido a mecanização do campo, pelas doenças decorrentes dos pesticidas, pela crise alimentar e civilizatória, situação esta agravada pela pandemia do novo coronavírus. Diante disso, a agroecologia se mostra uma ciência, uma prática e um movimento (WEZEL et al 2009; GLIESSMAN, 2020), convida a repensar as

formas de produção dos agroecossistemas e, como movimento de alteração social, os processos de autonomia e empoderamento dos atores envolvidos.

Sobretudo, o feminismo e a agroecologia têm o potencial de atender cinco dos 17 Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) definidos pela Organização das Nações Unidas (ONU, 2015). Diretamente está relacionado com os ODS 2 - Fome Zero e Agricultura Sustentável, ODS 5 - Igualdade de gênero, ODS 12 - Consumo e Produção responsáveis, pois as temáticas convergem na luta contra a exploração dos bens comuns (solo, água e biodiversidade) e a favor da vida, diversidade e dignidade dos seres humanos. E indiretamente também interfere nos ODS 6 - Água limpa e ODS 15 - Vida terrestre, uma vez que ambas (ecofeminismo e agroecologia) defendem o aspecto do cuidado e da promoção das mudanças, especificamente na forma da produção de alimentos e na gestão ambiental.

METODOLOGIA

Este estudo classifica-se como uma revisão sistemática, pois trata-se de um estudo secundário que busca identificar, selecionar, avaliar e sintetizar as evidências relevantes de um tópico sob investigação (GALVÃO; PEREIRA, 2014). No presente caso foi investigada qual é a produção científica existente nas bases de dados internacionais da *Web of Science* e da *Scopus* que fazem a interlocução entre o feminismo e a agroecologia. Para compreender como essas formas de luta estão permeadas, na tentativa de identificar o impacto e a relevância desses estudos, consultou-se a Coleção Principal (*Clarivate Analytics*) entre 1945 a 2020.

Esta base é amplamente utilizada para a divulgação de pesquisa científica, abrange revistas com boas classificações, prioriza artigos da comunidade Anglo Americana que possui alto potencial de impacto e várias opções de exportação dos resultados. Por sua vez, a base de dados da *Scopus* é o maior banco de dados de resumos e citações da literatura com revisão por pares e oferece um panorama abrangente da produção de pesquisas do mundo na área de ciências sociais e humanidades.

Na *Web Of science* adotou-se, no resumo e palavras chaves a seguinte *string*:
TS=(*ecological_agriculture* OR *agroecology* OR *agro-ecology* OR *agro_ecology* OR *ecofeminismo*) AND
TS= (*feminism**). Na *Scopus* a *string* utilizada foi TITLE-ABS-KEY (*ecological_agriculture* OR
agroecology OR *agro-ecology* OR *agro_ecology* OR *ecofeminismo*) AND TITLE-ABS-KEY (

*feminism**). O símbolo (“*”) foi acrescentado após cada termo para abranger as palavras também no plural, o (“_”) para que as palavras fossem pesquisadas conjuntamente e o “OR” para que fosse encontrado pelo menos um dos termos digitados.

Foram feitos vários testes com a inclusão de palavras em português e espanhol, não havendo alteração no resultado da busca. Variou-se, ainda, a posição das palavras chaves, incluindo e excluindo-se termos, e o melhor resultado com um maior número de dados foi o acima registrado. Esclareça-se que a mesma *string* apenas no título não retornou resultados.

Incluindo-se o ano de 2021, as buscas nos resumos e palavras chaves na *Web of Science* retornam uma amostra de sete itens e, na *Scopus*, retornaram oito trabalhos. Não se fez corte temporal, em razão da pouca quantidade de artigos encontrados. Ato seguinte filtrou-se o resultado para constar apenas artigos e *review*, em todas as áreas e idiomas, ou seja, não se delimitou área de estudo, idioma ou data de publicação.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram localizados 12 trabalhos que se encaixavam nos critérios de busca estabelecidos, sendo que destes, 4 artigos figuram em ambas bases de dados. A síntese dos artigos encontrados nas bases de dados está descrita no Quadro 1.

Quadro 1 - Ordem cronológica dos artigos encontrados segundo os critérios de busca entre o período de 1945 a 2020.

Base de Busca	Periódico (País de publicação)	Trabalho (Tradução livre)	Autoras (Ano)
<i>Scopus</i>	<i>Development</i> (Reino Unido)	<i>Alternatives under construction in Latin America</i> (Alternativas em construção na América Latina)	Espino, Sanchís, Caro, Lopes, Jomalinis, León e Lanza (2012)
<i>Web Of science</i>	Revista Pegada (Brasil)	<i>Women Farmers' of Pajeu: Feminism and Agroecology in the Brazilian Semiarid Region</i> (Agricultoras do Pajeú: Feminismo e agroecologia no semiárido brasileiro)	Ferreira (2016)

<i>Scopus</i>	Arbor (Espanha)	<i>Ecofeminism: A new way to look at nature</i> (Ecofeminismo: uma nova maneira de olhar a natureza)	Bel Bravo (2016)
<i>Web Of science e Scopus</i>	<i>Sustainability</i> (Suíça)	<i>Indicators for the analysis of peasant women's equity and empowerment situations in a sustainability framework: A case study of cacao production in Ecuador</i> (Indicadores para a análise da equidade e da situação de empoderamento das camponesas em um marco de sustentabilidade: um estudo de caso da produção de cacau no Equador)	Larrauri, Neira e Montiel (2016)
<i>Web Of science</i>	Revista Brasileira de Educação do Campo (Brasil)	<i>Peasant and popular feminism: a history of collective constructions</i> (Feminismo camponês e popular: uma história de construções coletivas)	Calaça, Conte e Cinelli (2018)
<i>Scopus</i>	<i>Journal of Peasant Studies</i> (Inglaterra)	<i>Repairing rifts or reproducing inequalities? Agroecology, food sovereignty, and gender justice in Malawi</i> (Reparando fissuras ou reproduzindo desigualdades? Agroecologia, soberania alimentar e justiça de gênero em Malawi)	Kerr, Hickey, Lupafya, e Dakishoni (2019)
<i>Web of science</i>	Feminismo/s (Espanha)	<i>Analysis of Greenpeace Communication from an Ecofeminist Perspective</i> (Análise da comunicação do Greenpeace de uma perspectiva ecofeminista)	Tomás e Medina-Bravo (2019)
<i>Web of science e Scopus</i>	Revista de Antropologia Social	<i>To cultivate one's autonomy? The agroecology of Brazilian women farmers</i> (Cultivar uma autonomia? A agroecologia	Hillenkamp (2019)

	(Espanha)	das agricultoras brasileiras)	
<i>Web of science e Scopus</i>	Finisterra (Portugal)	<i>Gender, domestic and community work: A debate from the economic organizations of rural women in the mata mineira region</i> (Gênero, trabalho doméstico e comunitário: Um debate a partir das organizações econômicas de mulheres rurais da zona da mata mineira (MG, Brasil)	Varanda (2019)
<i>Scopus</i>	<i>Gender & Development</i> (Reino Unido)	<i>Strengthening climate resilience and women's networks: Brazilian inspiration from agroecology</i> (Fortalecimento da resiliência climática e redes de mulheres: inspiração brasileira da agroecologia)	Feitosa e Yamaoka (2020)
<i>Web of science e Scopus</i>	<i>Conservation and Society</i> (Índia)	<i>Saving the Other Bees: The Resurgence of Stingless Beekeeping in the Zona Maya</i> (Salvando as outras abelhas: o ressurgimento da apicultura sem ferrão na Zona Maya)	Bratman (2020)
<i>Web of science</i>	<i>Sociology of Development</i> (EUA)	<i>The Empowerment Paradox: Exploring the Implications of Neoliberalized Feminism for Sustainable Development</i> (O paradoxo do empoderamento: explorando as implicações do feminismo neoliberalizado para o desenvolvimento sustentável)	Kelly (2020)

Fonte: Elaborado pelas autoras (2021)

A primeira publicação que se aplica ao tema deste estudo ocorreu em 2012 e, com um intervalo de quatro anos, volta a ser objeto de investigação em 2016 (3 artigos), em 2018 (1 artigo), em 2019 (4 artigos) e o último registro em 2020 (3 artigos) (Quadro 1). Logo, pela evolução temporal das publicações e pelos parâmetros de seleção adotados,

verifica-se que o tema é novo nas bases científicas internacionais, o que pode apontar um interesse ainda incipiente da comunidade acadêmica.

Verifica-se que nem sempre o país da publicação é o mesmo da experiência reportada, bem como o pesquisador é distinto do local da experiência ou do local da publicação. Esta observação evidencia a possibilidade de incentivos a pesquisadores para estudos de fenômenos em locais/países específicos, bem como pode indicar que a temática tem receptividade, também, em periódicos característicos (mais específicos).

Notou-se que não há qualquer correlação ou diálogo entre as obras, tanto que nenhuma das posteriores citaram as anteriores. No entanto, alguns dos artigos analisados fazem referências a outros trabalhos de autoras que constam no quadro 1. Seja por autocitação como Calaça, Conte e Cinelli (2018) e Kerr (2019) ou pela citação de trabalhos anteriores, por exemplo, Hillenkamp (2019) e Feitosa e Yamaoka (2020) que citaram trabalhos de 2017 e 2016 de Ana Paula Ferreira.

Importante fazer menção à autora brasileira Emma Siliprandi (2009, 2015), que mesmo não fazendo parte do resultado da busca, foi citada por Laurrari et al. (2016) e Hillenkamp (2019). Outras autoras, não brasileiras, também citadas foram Rachel Carson por Bel Bravo (2016), Vandana Shiva (LARRAURI et al., 2016; TOMÁS BRAVO, 2019; BRATMAN, 2020; KELLY, 2020) e Silvia Federici (HILLENKAMP, 2019, VARANDA, 2019). Isso indica que muitos trabalhos e autoras também são invisibilizados, seja pelo fato de as mulheres encontrarem resistência no fomento à pesquisa, no reconhecimento da comunidade científica em relação à relevância e pertinência ou pela falta de interesse nos periódicos de bases internacionais em divulgar a temática.

Há uma fragmentação das pesquisas, uma vez que os trabalhos iniciais não servem de referências para os demais, o que aponta a necessidade de um esforço entre os pesquisadores que se afeiçoam pelo tema, no sentido de trazer unicidade aos estudos e a diversidade não implique em estagnação.

Dos 12 artigos publicados, 10 são de estudos de caso e dentre eles, 7 foram feitos na América Latina, 5 deles no Brasil. Este dado aponta a existência, na América Latina, de movimentos transformativos das realidades sociais e que podem se apresentar como saídas efetivas da estrutura criada pelo capitalismo e que envolve a dominação e exploração das mulheres e da natureza. Inclusive uma das observações deste estudo é que a agroecologia tem assento nas terras latinas.

Analisados na íntegra, os 12 artigos trazem contextos e temas diversos, abrangidos pelo feminismo e a agroecologia. Oito deles fazem menção explícita entre a interlocução entre o feminismo e a agroecologia. Nos quatro demais artigos havia pontos de contatos com a temática de forma indireta, através de conceitos que remetem a lutas femininas. Isto é, fez-se referências à necessidade de se incluir a mulher nos cenários, dando-lhe visibilidade, autonomia e voz, e destacou-se a importância da força política e da organização em busca de novas perspectivas de vida e de funcionamento do mundo. Questões envoltas, ainda, em cenários de problemas sociais que envolvem pobreza, exploração, violência doméstica, busca de recursos alimentícios e sobrevivência, ditados pelos meios atuais de produção agrícola e cultura do patriarcado.

Para sintetizar a literatura encontrada, os trabalhos foram agrupados em dois subtítulos e os artigos foram trazidos em sequência cronológica, por isso a inclusão do ano junto aos autores dos trabalhos. O primeiro subtítulo traz a interlocução entre o feminismo e a agroecologia de maneira explícita e o segundo as pautas feministas dentro da estrutura agroecológica, de maneira implícita.

Esta divisão se justifica porque verificou-se nas publicações tanto um enfrentamento da temática de forma clara quanto de forma indireta, considerando que, por vezes a questão apareceu de forma transversal dentro dos textos, sem fazer referência direta e de forma conjunta aos termos: feminismo e agroecologia.

INTERLOCUÇÃO ENTRE O FEMININO E A AGROECOLOGIA DE MANEIRA EXPLÍCITA

Do universo de 12 artigos analisados, oito deles trazem a interlocução entre o feminismo e a agroecologia de maneira explícita e, como tal, há uma menção direta entre a interlocução entre o feminismo e a agroecologia, com a utilização destes termos “feminismo” e “agroecologia” de forma explícita.

O artigo *Indicators for the Analysis of Peasant Women's Equity and Empowerment Situations in a Sustainability Framework: A Case Study of Cacao Production in Ecuador*, de Larrauri, Neira e Montiel (2016) aponta o gênero como preponderante na discussão principal. Argumenta que a ausência de uma perspectiva de gênero na agroecologia contribui para a invisibilidade das desigualdades entre homens e mulheres na agricultura camponesa, e também dificulta a

compreensão do sistema de sustentabilidade, pois não incorpora os aspectos domésticos e de cuidado.

Evoca, ainda, a soberania alimentar como crítica ao capitalismo e a importância da conexão de perspectivas feministas e agroecológicas relacionadas à equidade de gênero na sustentabilidade. Nesta sequência, menciona a agroecologia como instrumento para o alcance do empoderamento das mulheres, a rigor de mudanças a longo prazo.

A crítica ao patriarcado é explícita no trabalho em comento, e se concentra em desigualdades enfrentadas pelas mulheres do campo. Salienta ainda que o androcentrismo na agroecologia permitiu a invisibilidade das “contradições internas” dentro do movimento camponês e da família na agricultura, contribuindo para a desvalorização do papel das mulheres camponesas (LARRAURI et al., 2016).

Ferreira (2016), no artigo *Women Farmers' of Pajeú: Feminism and Agroecology in the Brazilian Semi-arid Region* traz o debate de gênero na academia, dentro da perspectiva agroecológica brasileira. A autora apresentou a luta das agricultoras do semiárido para conquistarem mais poderes nas esferas pessoal, produtiva, familiar e política e ressaltou que embora a agroecologia seja um importante fator de empoderamento na vida das mulheres, a desvalorização e a invisibilidade do trabalho ainda eram questões presentes e insuficientemente problematizadas.

Na visão da autora, é necessário romper com o modelo hegemônico de desenvolvimento rural baseado no monocultivo, no latifúndio e no agronegócio que formam a base do modelo capitalista de desenvolvimento rural gerador de exclusão social. Assim, aponta a auto-organização como um importante caminho para a construção da equidade de gênero e do reconhecimento da mulher como um sujeito político.

As redes de trabalho pernambucanas estudadas, Casa da Mulher e Centro Sabiá, indicam que os laços sociais são fortalecidos quando os grupos se auto organizam e institucionalizam, resultando no encorajamento e na cooperação coletiva (FERREIRA, 2016).

Dois anos depois, tem-se o artigo de Calaça, Conte e Cinelli (2018), intitulado *Peasant and popular feminism: a history of collective constructions*, em que se parte da observação de que a superação do capitalismo, do patriarcado e do racismo são elementos centrais para diminuição da invisibilidade das mulheres e das suas dificuldades cotidianas. Deste modo, a

ruptura com as normas patriarcais exige ousadia e organização em coletivos a partir dos espaços familiares e comunitários.

Percebeu-se dos relatos, que as mulheres atuantes do Movimento de Mulheres Camponesas conquistaram mais poder sobre suas vidas por meio de atividades econômicas e da participação como atrizes-chave de forma mais ampla em suas comunidades. As autoras trazem também o debate da segurança e soberania alimentar, duas pautas do universo de trabalho da agroecologia que defendem a liberdade, almejando a construção de uma sociedade justa e solidária (CALAÇA, CONTE E CINELLI, 2018).

No artigo *Repairing rifts or reproducing inequalities? Agroecology, food sovereignty, and gender justice in Malawi*, de Kerr, Hickey, Lupafya e Dakishoni (2019) argumenta-se a importância de conceitos de interseccionalidades feministas e *práxis* participativas como recursos importantes para impulsionar a agroecologia, conceber a soberania alimentar e servirem como instrumentos de transformação das relações sociais.

A abordagem de gênero como integração feminista neste estudo é relevante interlocutora entre soberania alimentar no contexto político, social, agrário e econômico. A reconstrução do conhecimento acerca de práticas que apoiam a ecologia, ligando essas mudanças às materialidades sociais com atenção às crianças e o bem-estar feminino, implicam em alteração epistêmica, que resulta em segurança alimentar. Esses impactos se fortalecem quando dada atenção ao trabalho e a tomada de decisões como locais-chave de pequenas lutas, que unidas a consideração da interseccionalidade na agroecologia, resultam em abordagens sobre a soberania alimentar e equidade de gênero. Logo, a dinâmica de gênero desempenha papel fundamental no potencial transformador da agroecologia (KEER et al., 2019).

Em *Gender, domestic and community work: A debate from the economic organizations of rural women in the mata mineira region* escrito por Varanda (2019), tem-se um relato das experiências, trajetórias de vida e de trabalho de mulheres atuantes nas atividades domésticas e também nas comunidades rurais, bem como seus papéis na promoção da agroecologia e sobretudo quanto à pluralidade de feminismos, identificados por meio das relações entre gênero, raça, etnia, trabalho e espaço. Fatores como desigualdades de gênero na divisão de tarefas intrafamiliares, a imperceptibilidade do trabalho feminino e as relações de dependência e patriarcais criadas, representaram traços culturais marcantes na região (VARANDA, 2019).

No mesmo ano, é publicado o artigo de Hillenkamp (2019) *To cultivate one's autonomy? The agroecology of Brazilian women farmers*, em que se aborda as relações de produção e de gênero e são discutidas e analisadas quais as práticas que contribuem para a construção da autonomia. Aborda-se, ainda, a invisibilidade do trabalho das mulheres no campo e para a autora, o reconhecimento das formas ocultas de trabalho feminino não remunerado é um requisito prévio para a renegociação das relações de gênero.

Outro ponto destacado é que as agricultoras estudadas, organizadas em rede, contribuem significativamente com a produção e a venda das hortas domésticas. Esta organização coletiva através de grupos, redes e movimentos, possibilita o reconhecimento da importância do trabalho feminino, do modo mais sustentável de reprodução da vida e de uma maior autonomia para as mulheres.

Por meio do compartilhamento de saberes múltiplos: sementes, uso de espécies domésticas e selvagens, cultivos associados, podas de árvores, plantas nativas comestíveis e dos conhecimentos agroecológicos: poda correta, incorporação de matéria orgânica e cobertura do solo, muitas famílias deixam de depender dos fertilizantes químicos que absorvem uma parte significativa da renda, com uma lógica de autossuficiência e economia doméstica (HILLENKAMP, 2019).

O artigo *Saving the Other Bees: The Resurgence of Stingless Beekeeping in the Zona Maya*, de autoria de Bratman (2020), aborda a conservação da biodiversidade como tema central de discussão. Menciona a importância dada ao papel da mulher indígena camponesa como fundamental no trabalho de conservação ambiental e apresenta crítica ao patriarcado, capitalismo em detrimento à natureza, terra e ciência. Destaca a ética feminista de cuidado interespecie como relevante para as orientações agroecológicas e para relações intergeracionais. As práticas tradicionais e juventude do engajamento podem ser aplicadas à conservação de esforços de forma a elevar e reconhecer as tradições indígenas, sustentadas pela agroecologia e práticas feministas, que em última análise, promove a formação de parentesco entre espécies (BRATMAN, 2020).

No trabalho de Feitosa e Yamaoka (2020) *Strengthening climate resilience and women's networks: Brazilian inspiration from agroecology*, são analisados os efeitos sociais, econômicos e ambientais que a abordagem de gênero pode trazer para a adaptação de projetos agroecológicos. A agroecologia é apontada como um potencial caminho de fortalecimento da resistência da agricultura e redução da vulnerabilidade das comunidades frente aos

efeitos das mudanças climáticas. Concomitante, possibilita o estabelecimento de relações sociais mais justas e promove o combate à desigualdade entre gêneros. As autoras comentam que o desenvolvimento de projetos agroecológicos com análise e atividades de gênero pode apoiar o empoderamento das mulheres - tanto econômica quanto socialmente - com impactos positivos para as mulheres não apenas como indivíduos, mas coletivamente em suas comunidades (FEITOSA E YAMAOKA, 2020).

Verificou-se que a autonomia feminina para ampliação dos espaços e organização social requer uma organização coletiva por meio de grupos, redes e movimentos, para que se reconheça a importância do seu trabalho e se renegociem todas as relações de poder (FEITOSA e YAMAOKA, 2020).

As organizações camponesas como Movimento das Mulheres Camponesas³, a Via Campesina⁴, AS-PTA⁵, Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra⁶, Marcha das Margaridas⁷ e GT Mulheres da Articulação Nacional de Agroecologia (ANA)⁸ foram destaques citados nos artigos analisados. Especialmente a formação do último coletivo (ANA), as feministas viram como uma forma importante de fortalecer os debates feministas e de gênero dentro da agroecologia em nível nacional, pois permitiu a participação em outros espaços, por exemplo o CONSEA - Conselho Nacional para a Segurança Alimentar e a Conferências Nacionais de Desenvolvimento e Uso do solo Rural Sustentável (FEITOSA e YAMAOKA, 2020).

AS PAUTAS FEMINISTAS DENTRO DA ESTRUTURA AGROECOLÓGICA, DE MANEIRA IMPLÍCITA

Este item é integrado por quatro artigos que não fazem menção explícita aos termos “feminismo” e “agroecologia” de forma conjunta e abordam a temática de forma indireta.

O artigo de *Alternatives under construction in Latin America*, das autoras Espino, Sanchis, Caro, Lopes, Jomalinis, León e Lanza (2012), é a primeira publicação na temática

³ <http://www.mmcbrazil.com.br/site/> citado por Ferreira (2016), Calaça, Conte e Cinelli (2018).

⁴ <https://viacampesina.org/es/> Calaça, Conte e Cinelli (2018).

⁵ <http://aspta.org.br/tag/mulheres/> Hillenkamp (2019), Calaça, Conte e Cinelli (2018).

⁶ <https://mst.org.br/tag/mulheres/> Hillenkamp (2019), Calaça, Conte e Cinelli (2018).

⁷ <http://www.contag.org.br/index.php?modulo=portal&acao=interna&codpag=614&ap=1&nw=1> Hillenkamp (2019).

⁸ <https://agroecologia.org.br/category/c83-temas-prioritarios/c88-mulheres-e-agroecologia/> citado por Feitosa e Yamaoka (2020), Ferreira (2016), Hillenkamp (2019).

do eixo feminismo e agroecologia. Faz um apanhado geral a respeito de várias alternativas e modos de vida em prática na América Latina, em substituição ou em transformação do capitalismo liberal ou neoliberal e aponta a agroecologia como uma das alternativas dos modos de vida em manifestação no Brasil.

O artigo faz referência, ainda, a outras perspectivas de vida em substituição ao modo capitalista atual de viver, sendo elas: a soberania alimentar, o *Buen Vivir* e a última, redefinições econômicas a partir do *Buen Vivir* em interlocução com o feminismo. A construção de novos modelos de desenvolvimento que incluam e levem em conta as demandas e propostas das diversidades sociais, sobretudo a das mulheres latinas seria uma necessidade (ESPINO et al., 2012).

A autora afirma, ainda, que a soberania alimentar é um princípio e uma ética de vida que emerge de um coletivo, de uma construção popular progressiva, sendo um direito dos povos definirem suas próprias políticas agrícolas e alimentares, o que inclui a proteção e regulamentação da produção agrícola e comércio, para alcançar metas de desenvolvimento sustentável, para proteger mercados locais de importações e para limitar preços injustos nos mercados (ESPINO et al., 2012).

No artigo *Ecofeminism: A new way to look at nature*, Bel Bravo (2016) aponta que os feminismos atuais - liberal, radical, socialista, cultural, etc.- não podem abordar adequadamente o problema da relação entre as mulheres e a natureza a partir da estrutura de suas teorias e políticas específicas.

Segundo essa autora, sob uma perspectiva ecofeminista, todas as correntes feministas estariam erradas porque tornavam a relação entre as mulheres e a natureza como problema de cada teoria, mas cada uma, à sua maneira, prevalecendo o pensamento dualista. O único modo de salvar os direitos das mulheres, das crianças, da natureza em geral é através do reconhecimento, pelos homens, da necessidade de defender a vida ao invés de uma política de mortalidade (guerra, armas complexas) em torno da razão (em vez da força), da confiança no outro e na disposição para o diálogo (BEL BRAVO, 2016).

No artigo *Analysis of Greenpeace Communication from an Ecofeminist Perspective* Tomás e Medina-Bravo (2019), a partir do modelo de análise TIGE (Tabela de Indicadores do Grau de Ecofeminismo) de Alicia Puleo, o ecofeminismo é abrangido de maneira crítica, tomando-se como premissa a proposta de uma revisão da autoconsciência humana como indivíduos e como espécie, na busca de reconhecimento de dualismos que existem no

pensamento, e descartando os elementos de dominação de raça, gênero, classe, orientação sexual e espécie.

Os autores destacam que o feminismo que não se conecta com o ambientalismo negligencia demandas fundamentais. Nesta perspectiva vale-se do *Greenpeace* - organização ambiental de relevância mundial, como objeto de estudo. Através dos resultados apresentados, alerta para questões ligadas a desigualdades, enfrentamento de dicotomias e crítica a insustentabilidade institucional do sistema. Reitera que o ecofeminismo - ainda minoria, ganhará espaço nos próximos anos. Em suma, considera-se necessário que o ecofeminismo sobreponha-se da teoria à prática, no intuito de trabalhar a mitigação das desigualdades entre homens e mulheres, em prol da sustentabilidade (TOMÁS; MEDINA-BRAVO, 2019).

Por fim, no artigo *The Empowerment Paradox: Exploring the Implications of Neoliberalized Feminism for Sustainable Development* de Kelly (2020), em crítica, levanta os problemas da apropriação do capitalismo neoliberal do discurso feminista para manter a exploração e o sistema capitalista. Demonstra que em busca da autonomia, as mulheres ajudadas por grupos econômicos internacionais ou incentivos de bancos podem continuar a ser subjugadas e mesmo entendendo que estão se libertando estão apenas entrando no mercado de exploração.

Sua observação partiu de casos vivenciados em outros lugares que não na América Latina. Cita como exemplo um caso na Índia em que mulheres marginalizadas por classe, localização rural, casta, etnia ou raça foram escolhidas e incluídas em programas de acesso a crédito financeiro, habilidade e empreendedorismo, com fundamento no empoderamento. Após foi feito o treinamento e a participação na economia formal, em uma evidente neoliberalização do feminismo, com o exercício de atividades também poluidoras, mantendo a estrutura do capitalismo (KELLY, 2020).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante observar a pequena quantidade de artigos encontrados nas bases de publicação internacionais (12 artigos) associando o feminismo e a agroecologia. Escrita majoritariamente por mulheres, a temática é pouco explorada e com potencial para o crescimento. Mesmo com importantes conquistas, o foco feminista, principalmente com o ecofeminismo, algumas vezes é ainda visto como divisor entre as feministas que trabalham

com agroecologia e a comunidade agroecológica mais ampla e com isso pode diminuir a potência desta junção.

O estudo sistematizado dos artigos demonstrou a vulnerabilidade e a dependência dos agricultores familiares e das comunidades rurais das estruturas que envolvem o mercado de alimentos, o que os leva a depender de auxílio governamental. As políticas como Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) e o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) contribuem de forma limitada com a autonomia das mulheres e dos movimentos agroecológicos e vem sofrendo diminuição desde 2017. Neste contexto, a articulação dos movimentos sociais femininos e agroecológicos traz reflexões pertinentes e algumas contribuições em curso sobre as possibilidades da ampliação de uma economia popular do tipo solidária, frente às inseguranças políticas, mudanças climáticas e degradação ambiental.

Outro ponto relevante, como já se apontou inicialmente, trata-se da interseccionalidade do feminismo com a agroecologia, que traz amadurecimento para ambos os campos. Reforça-se ainda a capacidade para atender aos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável, objetivos de vital importância para alcançar um futuro melhor e que correspondem a um conjunto mundial de objetivos que seguem e expandem os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM), acordados pelos Estados membros da ONU em 2000, mormente: ODS 2 - Fome Zero e Agricultura Sustentável, ODS 5 - Igualdade de gênero, ODS 12 - Consumo e Produção responsáveis de forma direta e, indiretamente os ODS 6 - Água limpa e ODS 15 - Vida terrestre.

O feminismo se mostra necessário para libertar as mulheres de uma parte do trabalho doméstico, cuidados que lhes são atribuídos historicamente e de forma exclusiva, para que possam participar da defesa de seus territórios e dos modos de vida de suas comunidades. Este fato se relaciona diretamente com a promoção da igualdade de oportunidades para a liderança em todos os níveis de tomada de decisão na vida política, econômica e pública. Contudo, há ainda um longo caminho para a ampliação dos espaços e garantia de participação plena e efetiva das mulheres nas posições gerenciais, na proporção de assentos ocupados nos parlamentos nacionais e governos locais.

Os modos de ser vivenciados em novas perspectivas de mundo e a importância dos espaços de diálogos e troca de saberes entre as mulheres, principalmente na junção da agroecologia com o ecofeminismo, permite o trabalho em torno de interesses comuns e o

desenvolvimento de alternativas de renda concomitante à restauração do meio ambiente. Isto reforça o empoderamento sobre suas vidas e a participação de forma mais ampla em suas comunidades, trazendo luz à discussão sobre o reconhecimento e a valorização do trabalho de assistência e doméstico não remunerado. Por essa razão é importante a promoção dos espaços de encontro promovidos por e para mulheres, a disponibilização de serviços públicos, infraestrutura e políticas de proteção social, bem como a promoção da responsabilidade compartilhada dentro do lar e da família e trabalhos como este, para auxiliar de alguma forma na luta feminista.

Tem-se como limitação desta pesquisa o fato de que nem sempre os trabalhos feitos na América Latina são publicados nas bases internacionais. Esta invisibilização talvez se deva pelo pouco interesse na temática, a necessidade de uma maior articulação entre os trabalhos para que seja um debate menos incipiente nas publicações acadêmicas de maior impacto e, por fim, por representar uma luta contra o capitalismo, tudo a dificultar o trânsito livre dessas ideias.

A partir dos resultados encontrados e em continuidade a este trabalho, as autoras sugerem fazer a mesma busca em plataformas de impactos variados, que retornem resultados focados na América Latina, vez que outros elementos podem vir à tona, somando-se a leitura na íntegra do trabalho de Vandana Shiva, Rachel Carson, Silvia Federici e, principalmente, das autoras brasileiras Ana Paula Ferreira e Emma Siliprandi.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALTIERI, Miguel A.; TOLEDO, Victor Manuel. The agroecological revolution in Latin America: rescuing nature, ensuring food sovereignty and empowering peasants. **Journal of Peasants Studies**, v. 38, n. 3, p. 587-612, 2011.
- ALTIERI, Miguel A. **Agroecologia: Bases científicas para uma agricultura sustentável**. 3ª ed. rev. ampl. São Paulo: Expressão Popular, AS-PTA. 2012. 400 p.
- ALTIERI, Miguel A.; NICHOLLS, Clara Ines. Agroecology and the emergence of a post COVID-19 agriculture, **Agriculture Human Values**, 37, p. 525–526, 2020.
- BEL BRAVO, María Antonia. Ecofeminismo: Una nueva manera de mirar la naturaleza. **Arbor**, 192:778, a304, 10 p., 2016.
- BRATMAN, Eve Z. Saving the other bees: The Resurgence of Stingless Beekeeping in the Zona Maya. **Conservation and Society**, v. 18, n. 4, p. 387-398, 2020.
- CALAÇA, Michela; CONTE, Isaura Isabel; CINELLI, Catiane. Feminino camponês e popular: uma história de construções coletivas. **Revista Brasileira de Educação do Campo**, v. 3, n. 4, 1156-1183, 2018.

- CALDART, Roseli Saete; PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio (Org). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012. 788 p.
- CONSTRUINDO um diálogo: Feminismo e Agroecologia. Em entrevista à Revista Proposta n. 103/104, Maria Emília Pacheco fala da aproximação do debate sobre a agroecologia e as questões do feminismo. **Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional - FASE**, Rio de Janeiro, 11 de dezembro de 2005. Agroecologia. Disponível em: <https://fase.org.br/pt/informe-se/noticias/construindo-um-dialogo-feminismo-e-agroecologia>. Acesso em 20 mar 2021.
- ESPINO, Alma; SANCHÍS, Norma; CARO, Pamela; LOPES, Ana Paula; JOMALINIS, Emilia; LEÓN, Magdalena; LANZA, Martha. Alternatives under construction in Latin America. **Development** (Basingstoke), v. 55, n. 3, p. 338-351, 2012.
- FAO - FOOD AGRICULTURE ORGANIZATION OF THE UNITED NATIONS. **The state of food security and nutrition in the world: Safeguarding against economic slow downs and downturns**. Rome: Food and Agriculture Organization. 2019. 239 p. <http://www.fao.org/publications/card/en/c/CA5162EN/>. Acesso em mar 2021.
- FEITOSA, Cíntya.; YAMAOKA, Marina. Strengthening climate resilience and women's networks: Brazilian inspiration from agroecology, **Gender & Development**, v. 28, n. 3, p. 459-478, 2020.
- FERREIRA, Ana Paula Lopes. Agricultoras do Pajeú: Feminismo e Agroecologia no semiárido brasileiro. **Revista Pegada**, v. 17, n. 1, p. 244-262, 2016.
- FRANÇA, Vanessa de Vasconcellos Lemgruber. **Ecofeminismos e Direitos**. Dissertação (Mestrado). Escola Superior Dom Helder Câmara, Belo Horizonte, 2019. Disponível em: <http://domhelder.edu.br/wp-content/uploads/2020/07/Ecofeminismos-e-Direitos-Vanessa.pdf>. Acesso em 15 mar 2021.
- FEDERICI, Silvia. **O Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. Tradução: Coletivo Sycorax. SP: Elefante, 2017.
- GALVÃO, Taís Freire; PEREIRA, Mauricio Gomes. Revisões sistemáticas da literatura: passos para sua elaboração. **Epidemiologia Serviços de Saúde**, Brasília, v. 23, n. 1, p. 183-184, jan-mar 2014.
- GLIESSMAN, Steve. Confronting Covid-19 with agroecology. **Agroecology and sustainable food systems**, v. 44, n. 9, p. 1115–1117, 2020.
- HILLENKAMP, Isabelle. ¿Cultivar su autonomía? La agroecología de las agricultoras Brasileñas. **Revista de Antropología Social**, v. 28, n. 2, p. 297-322, 2019.
- IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo agropecuário**. 2017. Disponível em: https://censoagro2017.ibge.gov.br/templates/censo_agro/resultadosagro/pdf/genero.pdf Acesso em 7 de março de 2021.
- IFAD - International Fund for Agricultural Development. **How agroecology can respond to a changing climate and benefit farmers**. 2019. Disponível em: <https://www.ifad.org/en/web/latest/story/asset/41485825>. Acesso em 07 de mar de 2021.
- IPES-Food- International Panel of Experts on Sustainable Food Systems. **From uniformity to diversity: a paradigm shift from industrial agriculture to diversified agroecological systems**. 2016. Disponível em: <http://www.ipes-food.org/_img/upload/files/UniformityToDiversity_ExecSummary.pdf>. Acesso em 7 de mar de 2021.

- KELLY, Orla. The Empowerment Paradox. **Sociology of Development**, v. 6, n. 3, p. 296–317, 2020.
- KERR, Rachel Bezner, HICKEY, Catherine; LUPAFYA, Esther; DAKISHONI, Laifolo. Repairing rifts or reproducing inequalities? Agroecology, food sovereignty, and gender justice in Malawi, **The Journal of Peasant Studies**, v. 46, n. 7, p. 1499-1518, 2019.
- LARRAURI, Olga de Marco; NEIRA, David Pérez; MONTIEL; Marta Soler. Indicators for the analysis of peasant women's equity and empowerment situations in a sustainability framework: A case study of cacao production in Ecuador. **Sustainability (Switzerland)**, v. 8, n. 12, art. no. 1231, 2016.
- MULLER, Adriana; SOUTO, Cíntia; VAROLI, Débora; PINTO, Denilva; CASSEMIRO, Edleuza; REDONDO, Esti; VARGAS, Flávia; SOUZA, Gilvanir de; RAMALHO, Isabel; LAÍS, Jeieli; TAVARES, Jozelita; SANTANA, Leila; SANTOS, Marinei; SOUZA, Roseli; COSTA, Sônia; MOURA, Thais; CHIARELLO, Viviane (Elab.). **Pensando a alimentação, a fome e a agroecologia desde o feminismo**. Coletivo Nacional de Gênero do Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA), cartilha 1, 2021. 24 p.
- NETO, Antônio Augusto Lopes. **Caderneta Agroecológica: Empoderando Mulheres, Fortalecendo a Agroecologia**. Viçosa: Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata (CTA-ZM). 2018. 28 p.
- ONU - ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Indicadores brasileiros para os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável**. 2015. Disponível em: <https://odsbrasil.gov.br/>. Acesso em 4 de mar de 2021.
- SILIPRANDI, Emma Cademartori. **Mulheres e agroecologia: transformando o campo, as florestas e as pessoas**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015. 352 p.
- SIQUEIRA, Camilla Karla Barbosa. As três ondas do movimento feminista e suas repercussões no Direito Brasileiro. In: XXIV Congresso Nacional do CONPEDI - UFMG/FUMEC/Dom Helder Câmara. Belo Horizonte, 2015. **Anais... Poder, Cidadania e Desenvolvimento no Estado Democrático de Direito**. Florianópolis: CONPEDI, 2015.
- TOMÁS, Berta Gómez-Santo e MEDINA-BRAVO, Pilar. Analysis of Greenpeace Communication from an Ecofeminist Perspective. **Feminismo/s**, 33, p. 323-343, 2019.
- VARANDA, Ana Paula de Moura. Gênero, trabalho doméstico e comunitário: um debate a partir das organizações econômicas de mulheres rurais da Zona da Mata mineira (MG, Brasil). **Finisterra**, v. 54, n. 112, p. 131-144, 2019.
- VILAS BOAS, Douglas Antonio. **A luta feminista no campo agroecológico: uma análise a partir da perspectiva decolonial**. Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Lavras. Lavras, 2017. Disponível em: <http://repositorio.ufla.br/jspui/handle/1/28280>. Acesso em 18 mar de 2021.
- WEZEL, Alexander; BELLON, Stéphane; DORÉ, Thierry; FRANCIS, Charles; VALLOD, Dominique; DAVID, Christophe. Agroecology as a science, a movement and a practice. A review. **Agronomy for sustainable development**, v. 29, n. 4, 503-515, 2009.

Submetido em abril de 2021

Aceito em novembro de 2021